

## AGOSTO, DE RUBEM FONSECA: ENTRE O FATO E A FICÇÃO<sup>1</sup>

AGOSTO, BY RUBEM FONSECA: BETWEEN THE FACT AND THE FICTION

Paula Gil Grando<sup>2</sup>  
Sílvia Niederauer<sup>3</sup>

### RESUMO

O ano de 1954 foi marcado pelo trágico fim do governo Vargas. E em torno de seu suposto suicídio pululam nuances de mistério e tensão, típicas de uma caracterização ficcional, como se pode observar a partir do romance Agosto, de Rubem Fonseca, que aborda esse momento histórico. Nesse sentido, o objetivo desse trabalho foi de tecer uma análise sobre o entrecruzamento dos aspectos ficcionais e verídicos da história dos últimos dias de vida de Getúlio Vargas, valendo-se tanto da historiografia oficial quanto de estudos sobre literatura e história, levando em conta a caracterização das personagens e a tessitura narrativa estruturada sobre as bases do romance policial noir. Assim, configura-se um enredo envolto em um ambiente de suspense que evidencia a temática em questão, observando personagens ficcionais entremeados a personagens reais que dão impulsão à trama e revelam um romance histórico.

**Palavras-chave:** literatura e história, romance policial contemporâneo, Getúlio Vargas

### ABSTRACT

The year 1954 was marked by the tragic end of Vargas's government. And, concerning his supposed suicide, nuances of mystery and tension, typical of a fictional characterization, pullulate, as it can be observed from the novel Agosto by Rubem Fonseca, which deals with that historical moment. Thus, the aim of this work was to weave an analysis through the interconnection of the fictional and real aspects of the last days of Getúlio Vargas's life, considering the official historiography as well as studies on literature and history, taking into account the characters' features and the narrative texture structured on the bases of the noir detective novel. Therefore, it is configured a plot surrounded by an atmosphere of suspense which shows the topic in question, observing fictional characters mixed with real characters which provide the plot with propulsion and reveal a historical novel.

<sup>1</sup> Trabalho de Iniciação Científica.

<sup>2</sup> Curso de Letras Português - UNIFRA.

<sup>3</sup> Orientador.

**Key words:** literature and history, contemporary detective novel, Getúlio Vargas.

## INTRODUÇÃO

A ficção e a história andam juntas desde o tempo em que ARISTÓTELES (1997, p.28), em sua Poética, pronunciou que a diferença entre elas está em que a literatura narra fatos que poderiam ocorrer, enquanto a história narra acontecimentos, ou seja, de fatos verdadeiros.

Para Aristóteles, a problemática entre Literatura e História era simplesmente a de que a literatura não tem compromisso algum com a realidade, pois este compromisso é de total competência da historiografia.

Assim, considerando uma exposição narrativa e em prosa, recaindo sobre uma realidade já vivida e, também, recuperando aspectos da vida que já ocorrera, o romance passa a partilhar com a história o ofício de organizar os fatos em uma ordem discursiva.

Porém, o que podemos ver atualmente é uma mescla entre os romances e os fatos verídicos, tornando-se cada vez mais difícil ter um posicionamento em ver o passado de uma forma realmente segura.

Empenhando-se em estudos relativos às manifestações literárias, principalmente as de cunho histórico, LUKÁCS (1966) é enfático em salientar que no gênero romanesco, tanto o ficcional quanto o histórico mantem-se em universos distintos, cada qual desempenhando a função que lhe cabe. Com isso, sua definição de romance histórico clássico somente valorizará os aspectos cronológicos do passado. Assim, escolhe como paradigma algumas obras de ficção que remontam ao século XIX, e cujo pioneiro é Walter Scott. As obras literárias históricas, no modelo de Scott, eram narrativas lineares que se voltavam para a História que buscava temas que permitissem aparecer uma determinada consciência historicista, formatando-se num processo de reedificação otimista dos acontecimentos ocorridos antigamente. Eram tentativas de transformar o passado numa presença cada vez mais viva para a memória das gerações mais modernas. Dessa forma, afiguravam como pano de fundo, panoramas reconstitutivos do passado e cenários suntuosos, pelos quais desfilavam personagens e fatos retirados dos registros históricos oficiais, porém desprezados às circunstâncias secundárias da trama fictícia.

Quanto à obra Agosto, de Rubem Fonseca<sup>4</sup>, verifica-se que ela não segue o modelo clássico de Walter Scott, uma vez que o romance de Fonseca

<sup>4</sup> José Rubem Fonseca nasceu em Juiz de Fora, cidade interiorana de Minas Gerais, no ano de 1925. Quando jovem estudou Administração de Empresas e Direito nos Estados Unidos. Mais tarde foi professor da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, e escreveu críticas de cinema para a revista Veja em 1967. Sua carreira como escritor começou em 1953, mas seu primeiro livro, Os prisioneiros, reunião de contos, foi publicado apenas em 1963. Suas principais obras giram em torno de uma tematização urbana, em que ele faz uso de uma linguagem ágil e muitas vezes chula, retrata, de forma crua, o submundo e a violência das grandes cidades, em que prostitutas, marginais, policiais e a elite dividem quase que o

é tecido em torno de um enigma, iniciando-se como uma típica narrativa de cunho policial, que se transforma numa grande história que mescla a ficção e a realidade e, como resultado final, reconstitui a imagem política da época de 1954, ou seja, os momentos importantes que antecedem a morte do presidente Getúlio Vargas.

Nesse sentido, o objetivo desse trabalho será o de tecer uma análise sobre o entrecruzamento dos aspectos ficcionais e verídicos da história dos últimos dias de vida de Getúlio Vargas, valendo-se tanto da historiografia oficial quanto de estudos sobre Literatura e História, levando em conta a caracterização das personagens e a tessitura narrativa estruturada sobre as bases do romance policial noir.

## AGOSTO: UM ROMANCE POLICIAL NOIR

É possível enquadrar Agosto dentro dos paradigmas do romance policial. Ao ser lido, porém fica claro que não se trata de um romance policial clássico, pois, nesse tipo, não há presença de intrigas amorosas, a não ser para influenciar a ação do crime. Entre outras características referentes ao romance policial clássico, o crítico literário Van Dine aponta: a presença de um único detetive, não mais do que isso; durante a história tem de haver um único culpado, sem levar em conta o número de crimes cometidos; o culpado preferencialmente deve ser uma pessoa de caráter até então irretocável, não um profissional do crime.

O crítico francês, TODOROV expõe o seguinte:

Houve um crime, é preciso descobrir o seu autor. Partindo de algumas peças isoladas, deve construir-se um todo. Mas a lei da reconstituição nunca é a da verossimilhança comum; Pelo contrário, são precisamente os suspeitos que se revelam inocentes, e os inocentes suspeitos. O culpado, no romance policial, é o que não parece culpado. O detetive vai apoiar-se, no seu discurso final, numa lógica que vai relacionar os elementos até então dispersos. (1971, p.97)

TODOROV (1970) fala também da verossimilhança dentro do romance policial, e esse gênero possui em seu tema o caráter verossímil, já que a atitude do autor é, justamente, fazer a narrativa parecer verdadeira.

---

mesmo espaço, dando impulso às narrativas. são: A coleira do cão (1965), Lucia McCartney (1967), O caso Morel (1973), Feliz ano novo (1975, na época, proibido pela censura), O cobrador (1979), A grande arte (1983, adaptado para o cinema em 1990), Bufo & Spalanzani (1985, adaptado para o cinema em 2001), Vastas emoções e pensamentos imperfeitos (1988), Agosto (1990, transformado em minissérie para a televisão em 1993), Secreções, excreções e desatinos (2001) e Pequenas criaturas (2002).

Já no capítulo “Tipologia do romance policial”, que integra sua obra sobre As estruturas narrativas, o autor diz que em um romance policial sempre existirão duas histórias: “a história do crime e a história da investigação”(p.57)

Seguindo essas características de romance policial clássico, deixa-se claro que a obra em estudo não é um bom exemplo desse subgênero de romance. A história escrita por Fonseca segue uma outra linha do policial chamada de romance noir<sup>5</sup>, ou romance negro, que mesmo possuindo algumas características incomum com o clássico, como a presença de um enigma (crime) a ser decifrado, o trabalho de um detetive, entre outros fatores, consta como um tipo diferenciado de romance, um pouco mais verossímil.

Nesse caso, o detetive (policial, investigador, comissário...) em Agosto – comissário Mattos – não está tão distante da maioria dos estereótipos das pessoas, inclusive de seus próprios suspeitos, podendo provir do mesmo meio, falar e vestir-se como eles, resumindo, uma pessoa que escolheu viver perigosamente por um salário raso, tendo que dar explicações para um superior, seja este um cliente em potencial ou um chefe. Esse “herói às avessas” frequenta bares, anda com roupas desalinhadas e sempre está envolvido emocionalmente com alguém, além de ocasionalmente, estar metido com negócios obscuros e ser corrupto.

Enfim, no romance noir, além do investigador ser diferenciado, a sociedade também aparece de uma forma diferente, há extorsões de todos os tipos como, prostituição, jogos, corrupção, como também uma nova visão política baseada nas falcaturas de seus governantes. Por isso várias vezes esse subgênero é considerado como uma imagem inversa do romance policial, passando a ser considerado como um “romance de delinquência” extremamente comercial.

## OS FATOS EM UMA CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Após a deposição do então presidente Getúlio Vargas<sup>6</sup>, em outubro de 1945 pelos militares, foi eleito por voto direto Eurico Gaspar Dutra. Em sua campanha foi apoiado pelo então ex-presidente Getúlio que, na mesma

<sup>5</sup> Dentre os principais representantes desse subgênero do romance policial encontram-se os escritores Dashiell Hammett e Georges Simenon.

<sup>6</sup> Getúlio Dornelles Vargas nasceu em São Borja (RS), dia 19 de abril de 1883. Um dos maiores estadistas brasileiro do século XX, foi a personalidade política do Brasil por 24 anos. Assumiu diversos cargos públicos entre os quais governador do Rio Grande do Sul, Ministro da Fazenda e Presidente da República. Durante seu primeiro mandato, que exerceu após a revolução de 1930, fora considerado um ditador, com simpatia pelas tendências fascistas, muito em voga nos anos que antecederam a segunda guerra mundial. Com o fim da guerra Vargas foi deposto, sendo reeleito pelo voto direto nas eleições de 1949. Nesse período fora um estadista e um nacionalista extremado, criando a infra-estrutura da modernização do país. Sofreu grandes pressões de seus opositores, o que culminou com se suicídio em 1954, por sinal o único presidente a cometer tal ato.

eleição (1945), foi eleito senador pelo Rio Grande do Sul e por São Paulo e deputado, em sete Estados diferentes, comprovando seu prestígio perante o povo.

Na eleição seguinte, Getúlio Vargas candidatou-se, novamente, a presidência da República, apoiado por integrantes do PSD, PTB e PSP e, disputando a vaga com Cristiano Machado (PSD) e o brigadeiro Eduardo Gomes (UDN). Nas eleições de 3 de outubro de 1950, Getúlio obteve a vitória com 48,7% dos votos.

A posse do então presidente deu-se aos trinta e um dias do mês de janeiro de 1951, em meio a reivindicações da UDN. Como primeiras medidas do governo, tentou desempenhar um regime democrático, escolhendo um ministério conservador, com maior ênfase para a economia interna sem deixar de incentivar o mercado externo. Ao mesmo tempo em que tratava de dinamizar a economia, o governo Vargas se via diante de um outro problema, o avanço da inflação.

Em meio a tantos problemas, entre junho e julho de 1953, Getúlio Vargas modifica seu ministério, nomeando como ministro de trabalho o gaúcho João Goulart (conhecido popularmente como Jango) e para ministro da fazenda Osvaldo Aranha. Sempre sem deixar de lado uma das principais bases de apoio, os trabalhadores urbanos. Apesar desse apoio às classes proletárias, o governo getulista não conseguiu controlar as greves que eclodiam em todo o país decorrentes do alto custo de vida, a reivindicação ao aumento do salário mínimo, estas, desempenhadas principalmente por comunistas que se opuseram ferrenhamente a Getúlio.

Entre os maiores adversários civis do governo, estavam os integrantes da UDN e parte da imprensa, destacando-se Carlos Lacerda, dono do jornal *Tribuna da Imprensa*, que criticava de forma acirrada o governo vigente, pregando, até mesmo, a renúncia do presidente.

Além de Lacerda, alguns oficiais militares encontravam-se no rol de adversários getulistas, como os generais Cordeiro de Farias e Juarez Távora e o brigadeiro Eduardo Gomes, que defendiam a necessidade de reequipar o exército, rever vencimentos e estabelecer critérios mais justos de promoção.

Em fevereiro de 1954, Getúlio voltou a reformular o ministério, nomeando ministro da Guerra o general Zenóbio da Costa, um homem de sua confiança, para assim tentar acalmar os ânimos das Forças Armadas. Novas táticas econômicas foram tomadas por seu governo, que pouco agradaram à classe média brasileira, entre elas o anúncio do aumento de 100% do salário mínimo, meta que acabou provocando vários protestos, pois segundo alguns, essa medida salarial agravaria a inflação. Apesar de tudo isto, Getúlio ainda se equilibrava no poder.

Porém, no dia 5 de agosto de 1954, o jornalista Carlos Lacerda sofreu um atentado, sendo ferido apenas com um tiro no pé, mas o fato acarretou a morte do major da Aeronáutica, Rubens Vaz, que acompanhava o jornalista. O assassinato ocorreu em frente ao prédio de Lacerda, na rua Toneleros, em Copacabana. O atentado logo fora associado ao presidente da república, acusação feita logo cedo pelo próprio jornalista. A repercussão sobre o caso, tivera proporções inimagináveis, causando uma grande indignação, tanto para os lacerdistas quanto para os getulistas e militares.

As investigações sobre o assassinato foram realizadas pela Aeronáutica por conta própria, revelando lados obscuros do governo Vargas, mesmo não havendo provas que comprometessem o presidente diretamente. A partir disso, o pedido de renúncia de Getúlio ganhou força por parte da oposição, fugindo do alcance, tanto seu quanto dos membros de seu governo, sendo apoiado principalmente pelo general Zenóbio da Costa.

Com o decorrer das investigações ficou comprovado que o pistoleiro tivera sido contratado por Gregório Fortunato, Chefe da Guarda Pessoal do Presidente. O pistoleiro fora encontrado no dia 10 de agosto, em São João do Miriti, Estado do Rio de Janeiro, embrenhado no matagal. Seu nome era João Alcino do Nascimento, e preso, confessou ter sido convocado diretamente por Clímério Euribes de Almeida, membro da Guarda Pessoal, então subordinado de Gregório Fortunato. Ao saber dos envolvidos, Getúlio determina a extinção da Guarda Pessoal.

A cada dia, as acusações de corrupção atingiam mais o governo, até mesmo a família de Getúlio era acusada de estar envolvida em atividades ilícitas, sendo cada vez mais violentas as ofensas feitas pelo jornal *Tribuna da Imprensa*. Ao mesmo tempo sucediam-se reuniões militares das três armas, dentre as quais o general Juarez da Távora e o brigadeiro Eduardo Gomes, exigiam ao ministro da guerra, Zenóbio da Costa que solicitasse a renúncia do presidente.

Com todas as Forças Armadas exigindo a derrubada do presidente, Getúlio, ainda em uma tentativa de garantir-se no poder, reúne seu ministério na noite de 23 de agosto. Zenóbio demonstra que a situação é grave e que seria melhor a renúncia. Getúlio então resolve pedir uma licença por noventa dias, até a elucidação do caso Lacerda.

Na manhã de 24 de agosto, por volta das oito horas e trinta minutos, o presidente Getúlio Vargas suicida-se com um tiro no peito, numa forma de resistência, um ato político calculado.

A carta-testamento que deixou, continha um certo tom sinistro, apresentando-se como vítima e ao mesmo tempo acusador de inimigos impopulares. Seu suicídio teve um reflexo imediato, a população saiu às ruas do

país, expressando sua revolta, atacando os meios de comunicação antigetulista e as representações diplomáticas dos Estados Unidos.

A presidência passou às mãos do vice, Café Filho, que formou um ministério de maioria udenista, tentando fazer por um ano e meio um governo harmonioso com os ideais getulistas.

Getúlio Dornelles Vargas passou de caluniado a mártir de um país que, ao mesmo tempo que o odiava, também o amava, ficando de fato na memória de uma nação como um homem que soube privilegiar os trabalhadores.

## A FICÇÃO NO LIMIAR DA REALIDADE

A obra inicia-se pelo assassinato de Paulo Machado Gomes Aguiar, empresário, presidente de uma empresa de importação e exportação, a Cemtex, marido de Luciana Gomes Aguiar. Ele fora morto em seu próprio apartamento enquanto sua esposa estava viajando. O responsável pelo caso é o comissário Alberto Mattos, um policial não muito bem visto pelos colegas, por ser intransigente e aparentemente honesto. Ele sofre com uma gastrite que o perturba diariamente, veste-se mal e não se importa com o mínimo de luxo, tanto consigo quanto para com sua casa.

Em suas investigações, conclui que o assassino usava um anel de ouro com a letra “F” gravada em seu interior, e, segundo a perícia, pertencente à raça negra.

Neste meio tempo, ocorre um outro atentado, desta vez contra Carlos Lacerda, jornalista antigetulista. Porém, na emboscada em frente ao seu edifício, é apenas atingido com um tiro no pé, morrendo em seu lugar o major Rubens Vaz, da Aeronáutica. Com esse episódio, todas as suspeitas caem sobre Getúlio, que é acusado em público, principalmente por Lacerda. Assim, começa um cerco ao governo e sobre quem serve ao presidente.

As duas investigações correm de maneira paralela, sendo que o caso de Lacerda é dirigido diretamente pelas Forças Armadas e o do empresário Paulo Aguiar é feito pela polícia comum, dirigida pelo comissário Mattos.

No decorrer das apurações criminais ficção e história se interagem, como por exemplo, suposições de pessoas do governo estarem ligadas ao crime contra o empresário. Juntando-se as “peças” (evidências), fica-se sabendo que o mandante do atentado à rua Toneledo é o Chefe da Guarda Pessoal do Presidente, Gregório Fortunato, vulgo “Anjo Negro”, e como cúmplices, o seu subordinado Climério Euribes de Almeida e o pistoleiro Alcino.

Presos Fortunato e Alcino, faltava achar Climério que estava foragido no interior do Rio de Janeiro, e foi capturado após um grande cerco de polícia. Sabendo que o “Anjo Negro” estava preso, comissário Mattos tem

que achar outro suspeito para o assassinato de Aguiar, pois encontra provas de que Gregório não é o assassino.

O trabalho tanto da polícia quanto das Forças Armadas traz à tona as podridões da elite carioca. Sabe-se que Luciana é amante de um amigo de seu marido, Pedro Lomagnó, este por sua vez é marido de uma ex-namorada do comissário Mattos, Alice, pessoa perturbada psicologicamente, são descobertas ligações homossexuais de senadores e empresários, etc... Em meio a isso, há o caso amoroso de Alberto Mattos e Salete, que após, transforma-se num triângulo amoroso com Alice; há tentativas de assassinatos fracassados, como o que o bicheiro Ilídio planejou contra Mattos, há outros que dão certo, como o de Raimundo, porteiro do edifício Deauville (prédio de Aguiar), morto por Chicão, mandado por Pedro Lomagnó e o de Turco Velho, morto por Pádua, policial. Enquanto tudo isso se passa, há o sofrimento de Getúlio Vargas, que cada vez mais caluniado, dá os primeiros sinais de cansaço.

No dia 22 de agosto, ocorre uma reunião entre os oficiais das Forças Armadas e estes pedem a deposição de Vargas. Na noite do dia 23, o presidente se reúne com seu ministério e os membros o pedem para que se afaste temporariamente do governo, ele aceita como licença. O fato culmina com seu suicídio na manhã de 24 de agosto de 1954.

Ao saber da morte de Getúlio, a população ficou em estado de choque, pois ninguém imaginava essa atitude. Mattos também quase não acreditou e foi até o palácio do Catete. Após voltar de lá, prendeu seus colegas de ofício e libertou todos os presos, desligando-se da polícia logo depois, sem ao menos prender Francisco Albergaria (Chicão), assassino que tanto procurou e nem passou estas informações a Pádua, comissário que ficou em seu lugar.

Porém, o mesmo assassino que Mattos deixou de prender entrou em seu apartamento e o matou, junto de sua namorada Salete. Após todos os dias tumultuados, o Rio de Janeiro voltou ao seu cotidiano, com uma nova presidência, tendo Café Filho no comando.

## O ROMANCE AGOSTO ENTRE O FATO E A FICÇÃO

Por muito tempo, o suicídio de Vargas permaneceu o mais grave acontecimento ocorrido na história política brasileira. Em 1990, o escritor Rubem Fonseca com sua obra Agosto trouxe novamente à tona o desenrolar dos últimos fatos que acarretaram a morte de Getúlio Dornelles Vargas. Fonseca entrelaça ficção e realidade, explora a corrupção existente na época, a existência do jogo do bicho e a influência dos bicheiros, assassinatos, homossexualismo, enfim, temas pouco tratados no Brasil da época.

Durante todo o romance, temos a existência de duas histórias quase distintas, uma representando a ficção e uma segunda que trata da história



real. Para exemplificar, retiramos da obra em questão dois trechos que representam bem esses dois aspectos:

No oitavo andar.

A morte se consumou numa descarga de gozo e de alívio, expelindo resíduos excrementícios e glandulares – esperma, saliva, urina, fezes. Afastou-se com asco, do corpo sem vida sobre a cama ao sentir seu próprio corpo poluído pelas imundices expulsas da carne agônica do outro. (FONSECA, 1999, p.7)

O trecho citado mostra a ficção pela narrativa da morte do empresário Paulo Gomes Aguiar, desencadeando assim, as investigações precedidas pelo comissário Mattos. Verifica-se dessa maneira a constituição de uma criação fictícia envolta ao processo de retratação histórica, isto é, o ambiente romanesco evidencia um tom de grande problemática social historicamente constituída. Em contraponto, coexiste a narrativa histórica, conforme o segmento:

Lacerda se despediu do major e caminhou com o filho para a porta da garagem do edifício. Vaz foi em direção ao carro. Alcino atravessou a rua e atirou em Lacerda que correu para o interior da garagem. O estrondo do revólver ao disparar surpreendeu Alcino, que por instantes ficou sem saber o que fazer. Notou então que o major se aproximara e agarrava a sua arma. Novamente Alcino acionou o gatilho. O major continuou agarrando o cano do revólver até que Alcino, num repelão, soltou a arma dos dedos que a prendiam. (FONSECA, 1999, p.72)

O excerto acima retrata o momento em que ocorreu o atentado contra o jornalista Carlos Lacerda. Infere-se, que mesmo nesse segmento considerado histórico há elementos que constituem o processo de criação romanesca, já que não é possível afirmar que tal cena ocorrera como fora exposta por Rubem Fonseca. Contudo, ao sabermos que ocorrera um atentado contra Lacerda, podemos inferir que tal passagem mostra uma representação do real.

Nesse sentido, o livro *Agosto* é uma obra ficcional, por criar elementos comprovadamente fictícios. Assim, se recria uma leitura histórica sobre os acontecimentos de 1954. A trama se desenvolve diretamente ligada aos fatos históricos, pontuando um discurso imaginado pelo autor.

Sem dúvida alguma podemos deixar de nos impressionar com a riqueza dos fatos históricos que podem ser lidos na obra em questão. São diversas as passagens em que podemos ter a impressão de estarmos lendo não uma produção romanesca, mas sim, um trabalho historiográfico. Para elucidação do que

acabamos de explanar, retiramos mais um fragmento ficcional, porém este poderá ser comprovado com uma citação histórica:

“Queremismo... Eu me lembro vagamente... O que era mesmo?”

“Pressionado pelos militares, em 45, o Getúlio teve que marcar eleições para a Presidência da República e lançou a candidatura do seu ministro de Guerra, o Gaspar Dutra. Mas ao mesmo tempo organizou um movimento para manter-se no poder, cuja palavra de ordem era ‘Queremos Getúlio’, que defendia a reunião de uma Assembléia Constituinte com Getúlio no poder.” (FONSECA, 1999, p.312-313)

Em contraponto com essa passagem que evidencia a questão do “queremismo”, utilizamo-nos de um excerto de caráter histórico que retrata justamente essa questão abordada na obra de Fonseca:

Em meados de 1945, uma iniciativa promovida pelos círculos trabalhistas ligados a Getúlio, com o apoio dos comunistas, mudou os rumos da sucessão presidencial. Foi a campanha “queremista”, assim chamada porque seu objetivo se sintetizava na palavra de ordem “queremos Getúlio”. Os quemistas saíram às ruas defendendo a instalação de uma Assembléia Nacional Constituinte com Getúlio no poder. Só posteriormente deveriam ser realizadas eleições diretas para presidente, nas quais Getúlio deveria concorrer. (FAUSTO, 2000, p. 387)

Têm-se, a partir dessa relação entre ficção e histórica, uma abordagem correlacional que evidencia, em uma simples comparação que expõe um termo criado na época de Getúlio Vargas, que defendia e expunha os simpatizantes do estilo de governo do presidente Vargas.

A narrativa histórico-literária em Agosto está refletida como um pano de fundo na trama, isto é, a ação das personagens ficcionais é que dá à história mobilidade narrativa, porém, as personagens reais e o contexto histórico são os objetos que dão motivos à realização da obra. Sobre isso LUKÁCS explica que:

El gran personaje histórico presentado como figura secundaria puede vivir una vida humana plena y desarrollar libremente en la acción todas sus cualidades humanas, tanto las sobresalientes como las mezquinas; pero está incluido de tal manera en la

acción que sólo en las construcciones históricas de importancia llega a actuar y a manifestar su personalidad. Esta alcanza así una máxima y plena eficacia, siempre en la medida en que se ve ligada a los grandes acontecimientos de la historia. (1966, p.48)

Nesse sentido, a constituição das personagens secundárias, na obra Agosto, dá-se de maneira que elas atuem como figurantes históricas, pois são elas que tornam a trama possível. No seguinte excerto, evidencia-se o aparecimento de uma dessas personagens:

Depois de certificar-se que não havia anormalidades no andar do palácio, Gregório Fortunato, o Anjo Negro, chefe da guarda pessoal do presidente Getúlio Vargas, desceu as escadas em direção ao gabinete da assessoria militar, no térreo, verificando, no caminho, se os guardas mantinham-se nos seus postos, se o Palácio das Águias estava em paz. (FONSECA, 1999, p.8)

Este trecho, mostra-nos uma personagem que teve uma grande importância para os últimos dias do governo Vargas, quer dizer, fora ele um dos responsáveis por ser este o derradeiro mês do então governo. Na obra estudada, este é um dos poucos personagens que tem uma relação mais estreita tanto no cunho ficcional quanto no histórico, pois assim como Gregório é suspeito, e enfim, culpado pela morte do Major da Aeronáutica (fato), ele também é suspeito de matar Paulo Aguiar (ficção), mas no decorrer da obra fica constatada a sua inocência.

Mas, sem dúvida, tanto o ápice do romance quanto o ponto central do momento histórico de agosto de 1954 foi o suicídio do presidente Getúlio Vargas, tal como o fragmento que segue:

Barbosa saiu e Vargas voltou a ficar só.  
Faria o que tinha que ser feito. Desafrenta e redenção.  
Uma sensação eufórica de orgulho e dignidade tomou conta dele. Sim, sua filha agora o perdoaria.  
Apanhou o revólver na gaveta da cômoda e deitou-se na cama. Encostou o cano do revólver no esquerdo do seu peito e apertou o gatilho. (FONSECA, 1999, p.325)

Verifica-se nessa passagem, uma certa desmitificação na morte do mito, pois ele escolheu a sua forma de solucionar os problemas que o afligiam. Não há no romance referência a escrita de uma carta-testamento antes de seu suicídio e sim, a produção de uma carta com o intuito de “se despedir do governo e não da vida rascunhada dias antes a seu pedido por Maciel Filho, seu amigo e auxiliar desde os anos trinta” (FONSECA, 1999, p.325). Isso provoca

um confronto com a idéia histórica de que a carta-testamento fora escrita pelo próprio suicida, bem como, pode inferir-se que se forjara a carta original.

Assim, o relato histórico é afetado pela ficção, mas não se desdobra em contrapontos gigantescos que poderiam provocar a dúvida sobre os acontecimentos da época. Temos, enfim, uma leitura romanceada de acontecimentos históricos que ficaram marcados pela queda de um grande político.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações entre Literatura e História não são supostamente inovadoras, no sentido da redação ficcional. Observa-se isso desde a *Iliada* e da *Odisseia*, de Homero, em que aspectos da Grécia Antiga foram enfatizados pelo canônico escritor.

No entanto, os estudos sobre a convergência desses dois campos de pesquisa são tão recentes, que se fazem ainda necessárias leituras sobre temas como os que foram tratados neste trabalho: A morte do presidente Getúlio Vargas.

Devemos considerar que esta pesquisa está longe de exaurir o assunto trabalhado, pois pretendemos fazer apenas mais uma das leituras possíveis acerca da obra *Agosto*, de Rubem Fonseca.

Enfim, a construção romanesca de Fonseca é pontuada pela utilização de um esquema de romance policial noir, em que personagens ficcionais dão propulsão a trama, que gira em torno de personagens históricas, como Getúlio Vargas e Carlos Lacerda, e que evidenciam uma reconstituição da “história oficial” de agosto de 1954, que é divulgada pelos cânones históricos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. 1997. *A poética clássica*. 7.ed. São Paulo: Cultrix.
- FAUSTO, Boris. 2000. *História do Brasil*. 8.ed. São Paulo: EDUSP.
- FONSECA, Rubem. 1999. *Agosto*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- LUKÁCS, Georg. 1966. *La novela historica*. México: Era.
- TODOROV, Tzvetan. 1970. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva.
- \_\_\_\_\_. 1971. *Poética da prosa*. Tradução: Maria de Santa Cruz. Lisboa: Edições 70.